

**Abílio Manuel Guerra
Junqueiro**



*Contos para
a infância*

Abílio Manuel Guerra Junqueiro

Contos para a infância

Escolhidos dos melhores auctores por Guerra Junqueiro



Publicado pela Editora Good Press, 2022

goodpress@okpublishing.info

EAN 4064066405823

ÍNDICE DE CONTEÚDO

[GUERRA JUNQUEIRO](#)

[LISBOA](#)

[A mãe](#)

[O ouro](#)

[Doçura e bondade](#)

[O malmequer](#)

[Não quero](#)

[Piloto](#)

[O rico e o pobre](#)

[Como um camponez aprendeu o Padre Nosso](#)

[O talisman](#)

[A alma](#)

[Alberto](#)

[A canção da cerejeira](#)

[Os gigantes da montanha e os anões da planície](#)

[A creança, a anjo e flôr](#)

[Presente por presente](#)

[O pinheiro ambicioso](#)

[Perfeição das obras de Deus](#)

[João e os seus camaradas](#)

[O rabequista](#)

[Os pecegos](#)

[A urna das lagrimas](#)

[Reconhecimento e ingratidão](#)

[O fato novo do sultão](#)

[Boa sentença](#)

[Os animaes agradecidos](#)

O ermitão

Carlos Magno e o abade de S. Gall

A boneca

Inconveniente da riqueza

Querer é poder

Qual será rei?

Os tres véos de Maria

Os pequenos no bosque

O chapellinho encarnado

Os cinco sonhos

A egreja do rei

O valente soldado de chumbo

João Pateta

Branca de Neve

A rapariguinha e os phosphoros

O primeiro peccado de Margarida

Um nome inscripto no céu

O linho

INDICE

CONTOS

PARA A

INFÂNCIA

ESCOLHIDOS DOS MELHORES AUTORES

POR

GUERRA JUNQUEIRO

LISBOA

Rua dos Calafates, 110

1877

A mãe

O ouro

Doçura e bondade

O malmequer

Não quero

Piloto

O rico e o pobre

Como um camponês aprendeu o Padre Nosso

O talismã

A alma

Alberto

A canção da cerejeira

Os gigantes da montanha e os anões da planície

A criança, a anjo e flor

Presente por presente

O pinheiro ambicioso

Perfeição das obras de Deus

João e os seus camaradas

O rabequista

Os pêssegos

A urna das lágrimas

Reconhecimento e ingratidão

O fato novo do sultão

Boa sentença

Os animais agradecidos

O ermitão

Carlos Magno e o abade de S. Gall

A boneca

Inconveniente da riqueza

Querer é poder

Qual será rei?
Os três véus de Maria
Os pequenos no bosque
O chapelinho encarnado
Os cinco sonhos
A igreja do rei
O valente soldado de chumbo
João Pateta
Branca de Neve
A rapariguinha e os fósforos
O primeiro pecado de Margarida
Um nome inscrito no céu
O linho

ESCOLHIDOS DOS MELHORES AUCTORES

POR

GUERRA JUNQUEIRO

[Índice de conteúdo](#)

LISBOA

[Índice de conteúdo](#)

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
de thomaz quintino antunes, impressor da casa
real
Rua dos Calafates, 110
1877

A mãe

[Índice de conteúdo](#)

Estava uma mãe muito afflicta, sentada ao pé do berço do seu filho, com medo que lhe morresse. A creancinha pallida tinha os olhos fechados. Respírava com difficuldade, e ás vezes tão profundamente, que parecia gemer; mas a mãe causava ainda mais lastima do que o pequenino moribundo.

N'isto bateram á porta, e entrou um pobre homem muito velho, embuçado n'uma manta d'arrieiro. Era no inverno. Lá fóra estava tudo coberto de neve e de gêlo, e o vento cortava como uma navalha.

O pobre homem tremia de frio; a creança adormecêra por alguns instantes, e a mãe levantou-se a pôr ao lume uma caneca com cerveja. O velho começou a embalar a creança, e a mãe, pegando n'uma cadeira, sentou-se ao lado d'elle. E contemplando o seu filhinho doente, que respirava cada vez com mais difficuldade, pegou-lhe na mãosinha descarnada e disse para o velho:

--Oh! Nosso Senhor não m'o hade levar! não é verdade?--

E o velho, que era a Morte, meneou a cabeça d'uma maneira extranha, em ar de duvida. A mãe deixou pender a fronte para o chão, e as lagrimas corriam-lhe em fio pela cara. Sentiu-se estonteada com um grande peso de cabeça; estava sem dormir havia tres dias e tres noites. Passou ligeiramente pelo somno, durante um minuto, e despertou sobresaltada a tremer de frio.

--Que é isto! exclamou, lançando á volta de si o olhar hallucinado. O berço estava vasio. O velho tinha-se ido embora, roubando-lhe a creança.



A pobre mãe saiu precipitadamente, gritando pelo filho. Encontrou uma mulher sentada no meio da neve, vestida de luto. «A Morte entrou-te em casa, disse-lhe ella. Via sair a correr levando teu filho. Anda mais depressa que o vento, e o que ella furta nunca o torna a entregar.»

--Por onde foi ella? gritou a mãe. Dize-m'o pelo amor de Deus!»

--Sei o caminho por onde ella foi, respondeu a mulher vestida de preto. Mas só t'o ensino, se me cantares primeiro todas as canções que cantavas ao teu filho. São lindas, e tens uma voz harmoniosa. Eu sou a Noite e muitas vezes t'as ouvi cantar, debulhada em lagrimas.

--Cantar-t'as-hei todas, todas, mas logo, disse a mãe. Agora não me demores, porque quero encontrar o meu filho.--

A Noite ficou silenciosa. A mãe então, desfeita em lagrimas, começou a cantar. Cantou muitas canções, mas as lagrimas foram mais do que as palavras.

No fim disse-lhe a Noite: «Toma á direita, pela floresta escura de pinheiros. Foi por ahi que a Morte fugiu com o teu filho.»

A mãe correu para a floresta; mas no meio dividia-se o caminho, e não sabia que direcção havia de seguir. Diante d'ella havia um mattagal, cheio de silvas, sem folhas nem flores, de cujos ramos pendia a neve cristallisada.

--Não viste a Morte que levava o meu filho?» perguntou-lhe

a mãe.

--Vi, respondeu o mattagal, mas não te ensino o caminho, senão com a condição de me aqueceres no teu seio, porque estou gelado.»

E a mãe estreitou o mattagal contra o coração; os espinhos dilaceraram-lhe o peito, d'onde corria sangue. Mas o mattagal vestiu-se de folhas frescas e verdejantes, e cobriu-se de flores n'uma noite d'inverno frigidissima, tal é o calor febricitante do seio d'uma mãe angustiosa.

E o mattagal ensinou-lhe o caminho que devia seguir. Foi andando, andando, até que chegou á margem d'um grande lago, onde não havia nem barcos, nem navios. Não estava sufficientemente gelado para se andar por elle, e era demasiadamente profundo para o passar a váo. Comtudo, querendo encontrar o seu filho, era necessario atravessal-o. No delirio do seu amor, atirou-se de bruços a ver se poderia beber toda a agua do lago. Era impossivel, mas lembrava-se que Deus, por compaixão, faria talvez um milagre.

--Não! não és capaz de me esgotar, disse o lago. Socega, e entendamo-nos amigavelmente. Gosto de vêr perolas no fundo das minhas aguas, e os teus olhos são d'um brilho mais suave do que as perolas mais ricas que eu tenho possuido. Se queres, arranca-os das orbitas á força de chorar, e levar-te-hei á estufa grandiosa, que está do outro lado: essa estufa é a habitação da Morte; e as flores e as arvores que estão lá dentro, é ella quem as cultiva; cada flor e cada arvore é a vida d'uma creatura humana.»

--Oh! o que não darei eu, para rehaver o meu filho!» disse a mãe. E apesar de ter já chorado tantas lagrimas, chorou com mais amargura do que nunca, e os seus olhos destacaram-se das orbitas e caíram no fundo do lago,

transformando-se em duas perolas, como ainda as não teve no mundo uma rainha.

O lago então ergueu-a, e com um movimento de ondulação depositou-a na outra margem, aonde havia um maravilhoso edificio, com mais d'uma legua de comprido. De longe não se sabia se era uma construcção artistica ou uma montanha com grutas e florestas. Mas a pobre mãe não podia ver nada; tinha dado os seus olhos.

--Como heide eu reconhecer a Morte que me roubou o meu filho!» bradou ella desesperada.

--A Morte ainda não chegou, respondeu-lhe uma boa velha, que andava d'um lado para o outro, inspeccionando a estufa e cuidando das plantas. Como vieste tu aqui parar? quem te ensinou o caminho?»

--Deus auxiliou-me, respondeu ella. Deus é misericordioso. Compadece-te de mim, e dize-me onde está o meu filho.»

--Eu não o conheço, e tu és cega, disse a velha. Ha aqui muitas plantas e muitas arvores, que murcharam esta noite: a Morte não tarda ahi para as tirar da estufa. Deves saber, que toda a creatura humana tem n'este sitio uma arvore ou uma flor, que representam a sua vida e que morrem com ella. Parecem plantas como quaesquer outras, mas tocando-lhes, sente-se bater um coração. Guia-te por isto, e talvez reconheças as pulsações do coração de teu filho. E que davas tu por eu te ensinar o que tens ainda de fazer?»

--Já não tenho nada que te dar, disse a pobre mãe. Mas irei até ao fim do mundo buscar o que tu quizeres.--«Fóra d'aqui não preciso de nada, respondeu a velha. Dá-me os teus longos cabellos negros; tu sabes que são bellos, e agradam-me. Tocal-os-hei pelos meus cabellos brancos.»--Não pedes

mais nada do que isso? disse a mãe. Ahi os tens, dou-t'os de boa vontade.»

E arrancou os seus magnificos cabellos, que tinham sido outr'ora o seu orgulho de rapariga, recebendo em troca os cabellos curtos e inteiramente brancos da velha.

Esta levou-a pela mão á grande estufa, onde crescia exhuberantemente uma vegetação maravilhosa.

Viam-se debaixo de campanulas de cristal jacinthos mimosissimos ao lado de peonias inchadas e ordinarias. Havia tambem plantas aquaticas, umas cheias de seiva, outras meio murchas, e em cujas raizes se enovelavam cobras asquerosas.

Mais longe erguiam-se palmeiras soberbas, carvalhos e platanos frondosos; depois n'um outro sitio isolado havia canteiros de salsa, tomilho, ortelã e outras plantas humildes que representavam o genero de utilidade das pessoas que ellas symbolisavam.

Havia ainda grandes arbustos em vasos demasiadamente estreitos, que pareciam rebentar; mas viam-se tambem floresitas insignificantes, em vasos de porcelana, na melhor terra, circumdadas de musgo, tratadas com esmero delicadissimo. Tudo isso representava a vida dos homens, que a essa hora existiam no mundo, desde a China até à Groenlandia.

A velha queria mostrar-lhe todas estas cousas mysteriosas, mas a mãe impacientada pediu-lhe que a levasse ao sitio onde estavam as plantas pequeninas; tacteava-as, apalpava-as, para lhes sentir o bater do coração, e, depois de ter tocado em milhares d'ellas, reconheceu as pulsações do coração do seu filho.

--É elle!» exclamou, lançando a mão a um açafroeiro, que, pendido sobre a terra, parecia completamente estiolado.

--Não lhe toques, disse a velha. Fica n'este sitio; e quando a Morte vier, que não tarda, proíbe-lhe que arranque esta planta; ameaça-a de arrancar todas as flores que estão aqui. A Morte terá medo, porque tem de dar conta d'ellas a Deus. Nenhuma póde ser arrancada sem o seu consentimento.»

N'isto sentiu-se um vento glacial, e a mãe adivinhou que era a Morte, que se approximava.

--Como é què deste com o caminho? perguntou-lhe a Morte. Chegar ainda primeiro do que eu! Como o conseguiste?--«Sou mãe» respondeu ella.

E a Morte estendeu a sua mão ganchosa para o pequenino açafroeiro.

Mas a mãe protegia-o violentamente com ambas as mãos, tendo o cuidado de não ferir uma só das pequeninas petalas. Então a Morte soprou-lhe nas mãos, fazendo-lh'as cair inanimadas. O halito da Morte era mais frio do que os ventos enregelados do inverno.

--Não pódes nada comigo!» disse a Morte.--Mas Deus tem mais força do que tu, respondeu a mãe.»--«É verdade, mas eu não faço senão aquillo que elle manda. Sou o seu jardineiro. Todas estas plantas, arvores e arbustos, quando começam a murchar, transplanto-as para outros jardins, um dos quaes é o grande jardim do Paraizo. São regiões desconhecidas; ninguém sabe o que se lá passa.»

--Misericordia! misericordia! soluçou a mãe. Não me roubem

o meu filho, agora que acabo de o encontrar!» Supplicava e gemia. A Morte conservava-se impassível; agarrou então instantaneamente em duas flores lindíssimas e disse á Morte: «Tu despresas-me, mas olha, vou arrancar, despedaçar não só esta, mas todas as flores que estão aqui!

--Não as arranques, não as mates, bradou a Morte. Dizes que és desgraçada, e querias ir partir o coração de outra mãe!--«Outra mãe!» disse a pobre mulher, largando as flores imediatamente.--Toma, aqui tens os teus olhos, disse a Morte. Brilhavam tão suavemente que os tirei do lago. Não sabia que eram teus. Mette-os nas orbitas, e olha para o fundo d'este poço; vê o que ias destruir, se arrancasses estas flores. Verás passar nos reflexos da agua, como n'uma miragem, a sorte destinada a cada uma d'essas duas flores, e a que teria tido o teu filho, se porventura vivesse.»

Debruçou-se no poço, e viu passar imagens de felicidade e alegria, quadros risonhos e deliciosos, e logo depois scenas terriveis de miseria, d'angustias e de desolação.

--N'isto que eu vejo, disse a mãe afflictissima, não distingo qual era a sorte que Deus destinava ao meu filho.»

--Não posso dizer-t'o, respondeu a Morte. Mas repito-te, em tudo isto que te appareceu viste o que no mundo havia de succeder ao teu filho.»

A mãe desvairada, lançou-se de joelhos exclamando: Supplico-te, dize-me: era a sorte infeliz a que lhe estava reservada? Não é verdade! Falla! Não me respondes? Oh! na duvida, leva-o, leva-o, não vá elle soffrer desgraças tão horriveis. O meu querido filho! Quero-lho mais que á minha vida. As angustias que sejam para mim. Leva-o para o reino dos ceos. Esquece as minhas lagrimas, as minhas supplicas,

esquece tudo o que fiz e tudo o que disse.»

--Não te compreendo, respondeu a Morte: Queres que te entregue o teu filho ou que o leve para a região desconhecida de que não posso fallar-te!» Então a mãe allucinada, convulsa, torcendo os braços, deitou-se de joelhos e dirigindo-se a Deus exclamou: «Não me ouças, Senhor, se reclamo no fundo do meu coração contra a tua vontade que é sempre justa! Não me attendas meu Deus!»

E deixou cair a cabeça sobre o peito, mergulhada na sua agonia dilacerante.

E a Morte arrancou o pequenino açafroeiro, e foi transplantá-lo no jardim do paraíso.

O ouro

[Índice de conteúdo](#)

Era uma vez um rei, que, tendo achado no seu reino algumas minas d'ouro, empregou a maior parte dos vassallos a extrair o ouro d'essas minas; e o resultado foi que as terras ficaram por cultivar, e que houve uma grande fome no paiz.

Mas a rainha, que era prudente e que amava o povo, mandou fabricar em segredo frangos, pombos, gallinhas e outras iguarias todas de ouro fino; e quando o rei quiz jantar mandou-lhe servir essas iguarias de ouro, com que elle ficou todo satisfeito, porque não comprehendeu ao principio qual era o sentido da rainha; mas, vendo que não lhe traziam mais nada de comer, começou a zangar-se. Pediu-lhe então

a rainha, que visse bem que o ouro não era alimento, e que seria melhor empregar os seus vassallos em cultivar a terra, que nunca se cansa de produzir, do que trazel-os nas minas á busca do ouro, que não mata a fome nem a sede, e que não tem outro valor além da estimação que lhe é dada pelos homens, estimação que havia de converter-se em desprezo, logo que ouro apparecesse em abundancia.

A rainha tinha juizo.

Doçura e bondade

[Índice de conteúdo](#)

Ha entre vós, meus filhos, indoles violentas, que não sabem dominar-se, e que são arrastadas pelas primeiras impressões. É uma pessima disposição, que é necessario corrigir; dá lugar a disputas, e a que se commettam acções, cujo arrependimento chega demasiadamente tarde. Citar-vos-hei dois exemplos de que fui testemunha.

Um rapaz, sacudido violentamente na rua por um homem que vinha diante d'elle, volta-se e dá-lhe uma bofetada.

--Oh! senhor! exclamou o outro, mal sabe a pena que vae ter! bateu n'um cego!»

Um homem ainda novo montado n'um burro, atravessava uma aldeia, e uns camponezes grosseiros começaram a apupal-o e a bater no burro, para o fazer correr. O homem apeou-se, foi direito a elles, e, mostrando-lhes a sua perna aleijada, disse-lhes: «Se soubesseis que eu era coxo, não terieis sido tão covardes.»

Os camponeses, envergonhados, córaram, afastando-se sem pronunciar uma palavra.

Que vos parece estas duas lições? Estou convencido que aproveitaram a quem as recebeu.

O malmequer

[Índice de conteúdo](#)

Ouvi com atenção esta pequenina historia!

No campo, junto da estrada real, havia uma casinha muito bonita, que deveis ter visto muitas vezes. Ha na frente um jardiminho com flores, rodeado por uma sebe verdejante. Ali perto nas bordas do vallado, no meio da herva espessa, floria um pequenino malmequer. Desabrochava a olhos vistos, graças ao sol, que repartia igualmente a sua luz tanto por elle como pelas grandes e maravilhosas flores do jardim. Uma bella manhã, já inteiramente aberto, com as folhinhas alvas e brilhantes, parecia um sol em miniatura circumdado dos seus raios. Pouco se lhe dava que o vissem no meio da herva e não fizessem caso d'elle, pobre florinha insignificante. Vivia satisfeito, aspirando deliciosamente o calor do sol, e ouvindo o canto da cotovia, que se perdia nos ares.

N'esse dia o pequeno malmequer, apesar de ser n'uma segunda feira, sentia-se tão feliz como se fosse um domingo. Emquanto as creanças sentadas nos bancos da escola estudavam a lição, elle, sentado na haste verdejante, estudava na formosura da natureza a bondade de Deus, e

tudo o que sentia mysteriosamente, em silencio, julgava ouvi-lo traduzido com admiravel nitidez nas canções alegres da cotovia. Por isso poz-se a olhar com uma especie de respeito, mas sem inveja, para essa avesinha feliz que cantava e voava.

«Eu vejo e oiço, pensou o malmequer; o sol aquece-me e o vento acaricia-me. Oh! não tenho rasão de me queixar.»

Dentro da sebe havia muitas flores altivas, aristocraticas; quanto menos aroma tinham, mais orgulhosas se aprumavam. As dalias inchavam-se para parecerem maiores do que as rosas; mas não é o tamanho que faz a rosa. As tulipas brilhavam pela belleza das suas côres, pavoneando-se pretenciosamente. Não se dignavam de lançar um olhar para o pequeno malmequer, enquanto que o pobresinho admirava-as, exclamando: «como são ricas e bonitas! A cotovia irá certamente visitá-las. Graças a Deus, poderei assistir a este bello espectáculo.» E no mesmo instante a cotovia dirigiu o seu vôo, não para as dalias e tulipas, mas para a relva, junto do pobre malmequer, que morto d'alegria não sabia o que havia de pensar.

O passarinho poz-se a saltitar à roda d'elle, cantando: «Como a herva é macia! oh! que encantadora florinha, com um coração d'oiro, vestida de prata!»

Não se póde fazer idéa da felicidade do malmequer. A ave acariciou-o com o bico, cantou outra vez diante d'elle, e perdeu-se depois no azul do firmamento. Durante mais d'um quarto d'hora não pôde o malmequer reprimir a sua commoção. Meio envergonhado, mas todo contente, olhou para as outras flores do jardim, que, como testemunhas da honra que acaba de receber, deviam avaliar muito bem a sua alegria natural; mas as tulipas estavam cada vez mais aprumadas; a sua haste vermelha e ponteagada

manifestava o despeito. As dalias tinham a cabeça toda inchada. Se ellas podessem fallar, teriam dito coisas bem desagradaveis ao pobre malmequer. A florinha viu isto, e ficou triste.

Passados alguns momentos, entrou no jardim uma rapariguita com uma grande faca afiada e brilhante, aproximou-se das tulipas, e cortou-as uma a uma.

«Que desgraça! disse o malmequer suspirando; é horrivel; foram-se todas.»

E enquanto a rapariguinha levava as tulipas, o malmequer alegrára-se por ser simplesmente uma pequenina flor no meio da herva. Apreciando reconhecido a bondade de Deus, cerrou ao cair da tarde as suas folhas, adormeceu, e sonhou toda a noite com o sol e com a cotovia.

No dia seguinte de manhã, assim que o malmequer abriu as suas folhas ao ar e á luz, reconheceu a voz do passarinho, mas o seu canto era triste, muitissimo triste. A pobre cotovia tinha boas rasões para se affligir: haviam-n'a agarrado e mettido n'uma gaiola, suspensa entre uma janella aberta. Cantava a alegria da liberdade, a belleza dos campos e as suas antigas viagens atravez do espaço illimitado.

O pequenino malmequer tinha boa vontade de lhe acudir: mas como? Era difficil. A compaixão pelo pobre passarinho prisioneiro, fez-lhe esquecer inteiramente as bellezas que o cercavam, o doce calor do sol e a alvura resplandecente das suas proprias folhas.

N'isto dois rapazinhos entraram no jardim. O mais velho trazia na mão uma faca comprida e afiada como a da pequerrucha, que tinha cortado as tulipas. Encaminharam-

se para o malmequer, que não podia compreender o que desejavam.

«Podemos arrancar d'aqui um pedaço de relva para a cotovia, disse um dos rapazes, e começou a fazer um quadrado profundo à volta da florinha.

--«Arranca a flor, disse o outro.»

A estas palavras o malmequer estremeceu de terror. Arrancarem-n'o era morrer; e nunca tinha abençoado tanto a existencia, como no momento em que esperava entrar com a relva na gaiola da cotovia.

«Não; deixemol-a, disse o mais velho. Está ahi muito bem.»

Foi por conseguinte poupado, e entrou na gaiola da cotovia.

O pobre passarinho, queixando-se amargamente do seu captiveiro, batia com as azas nos arames da gaiola. O malmequer não podia, apesar dos seus desejos, articular-lhe uma palavra de consolação.

Passou-se assim toda a manhã.

«Já não tenho agua, exclamou a prisioneira. Saiu toda a gente, sem me deixarem ao menos uma gota d'agua. A garganta queima-me, tenho uma febre terrivel, sinto-me abafada! Ai! Não ha remedio senão morrer, longe do sol esplendido, longe da fresca verdura e de todas as magnificencias da criação!»

Depois enterrou o bico na relva humida para se refrescar um pouco. Viu então o malmequer; fez-lhe um signal de cabeça amigavel, e disse-lhe, afagando-o: «Tambem tu, pobre florinha, morrerás aqui! Em vez do mundo inteiro, que

eu tinha à minha disposição, deram-me um pedacito de relva, e a ti só por unica companhia. Cada pésinho de relva substitue para mim uma arvore, e cada uma das tuas folhas brancas, uma flor odorifera. Ah! como me fazes recordar de todas as coisas que perdi!

--Se eu pudesse consolal-a! pensava o malmequer, incapaz de fazer o minimo movimento.

Comtudo o perfume que elle exalava, tornou-se mais forte que de costume; a cotovia sentiu-o, e, apesar da sede devoradora que a obrigava a arrancar a herva, teve todo o cuidado em não tocar nem sequer de leve na flor.

Caiu a noite; não estava ali ninguem, para trazer uma gotta d'agua á desditosa cotovia; Estendeu então as suas bellas azas, sacudindo-as convulsivamente, e poz-se a cantar uma cançõesinha melancolica; a sua cabecinha inclinou-se para a flor, e o seu coração quebrado de desejos e d'angustias cessou de bater. Vendo este triste espectáculo, o malmequer não pôde como na vespera fechar as suas folhas para dormir; curvou-se para o chão, doente de tristeza.

Os rapazitos só voltaram no dia seguinte, e, vendo o passarinho morto, rebentaram-lhe as lagrimas e abriram uma cova. Metteram o cadaver dentro d'uma caixa vermelha, lindissima, fizeram-lhe um enterro de principe, e cobriram o tumulo com folhas de rosas.

Pobre passarinho! Emquanto vivia e cantava, esqueceram-se d'elle e deixaram-n'o morrer de fome na gaiola; depois de morto é que o choraram e lhe fizeram honrarias pomposissimas.

A relva e o malmequer lançaram-as para a poeira da

estrada; d'aquelle que com tanta ternura tinha amado a cotovia, ninguém se lembrou.

Não quero

[Índice de conteúdo](#)

Um dia, passando na estrada, ouvi dois rapazitos que fallavam muito alto: «Não, dizia um com voz energica, não quero.» Parei e perguntei-lhe:--O que é que tu não queres, meu rapaz?--«Não quero dizer á mamã que venho da escola, porque é mentira. Sei que me hade ralhar, mas antes quero que me ralhe do que mentir.»--E tens razão, disse-lhe eu. És um rapaz como se quer.» Apertei-lhe a mão, enquanto que o outro pequeno, que lhe aconselhava que se desculpasse mentindo, ia-se embora todo envergonhado.

D'ahi a alguns mezes, passando pela mesma aldeia e tendo de fallar com o professor, entrei na escola, onde reconheci immediatamente os meus dois pequenos; o que não quiz mentir, sorria-me, enquanto que o outro, vendo-me, baixou os olhos. Ao despedir-me interroguei o mestre sobre os dois alumnos: Oh! disse-me elle, fallando do primeiro, è um magnifico estudante, um pouco teimoso, mas honrado, sincero, sempre prompto a confessar as suas faltas e o que é ainda melhor, a reparal-as. O outro pelo contrario, é mentiroso, covarde e incorrigivel.»--Não me espanto, disse eu, já tinha tirado o horóscopo d'estas duas creanças; e contei-lhe o que tinha ouvido.

Piloto

Índice de conteúdo

Piloto era o mais inteligente e o mais affectuoso dos cães, e o infatigavel companheiro dos brinquedos das creanças da quinta.

Fazia gosto vel-o atirar-se ao tanque a agarrar o pau, que João lhe lançava o mais longe que podia; pegava n'elle, mettia-o na bocca e trazia-o á margem, com grande alegria do pequerrucho e da sua irmã Joaninha.

Esta brincadeira recomeçava vinte vezes sem cançar nunca a paciencia do Piloto. Depois eram corridas, festas, gargalhadas, saltos, até que o assobio do creado da quinta chamava o fiel animal ás suas obrigações: partia então como um raio, para escoltar as vaccas, que levavam aos pastos, e impedil-as de entrar no lameiro do visinho.

Quando o hortelão ia vender os legumes ao mercado, era o Piloto o guarda da carroça; e muito atrevido seria quem saltasse á noite a parede da quinta.

Uma vez deu prova d'uma extraordinaria sagacidade; um jornaleiro, que se empregava muitas vezes em levar saccos de trigo da quinta para casa, tentou de noite roubar um sacco.

Piloto, que o conhecia, não fez a menor demonstração de hostilidade emquanto o homem seguiu o caminho da quinta, mas, desde que se afastou tomando por outra estrada, o guarda vigilante agarrou-o pela blusa sem o largar.

Era como se dissesse: «Onde vaes tu com o trigo de meu dono?»

O ladrão quiz pôr então outra vez o sacco d'onde o tinha tirado; Piloto não consentiu, e teve-o em guarda, sem o morder nem o ferir, até de manhã; o quinteiro foi dar com elle n'esta difficil posição, reprehendeu-o vivamente, e despediu-o sem divulgar o caso para o não deshonrar.

Mas o homem ficou com odio ao cão, e muito tempo depois, aproveitando a ausencia do quinteiro e de seus filhos, chamou o Piloto, que correu para elle sem desconfiança; atou-lhe uma corda ao pescoço e arrastou-o até á margem do ribeiro.

Atou uma grande pedra á outra extremidade da corda e levantando o animal atirou-o á agua; mas arrastado elle proprio com o peso e com o esforço, caiu tambem.

Como não sabia nadar, teria sido despedaçado pela roda do moinho, se o corajoso Piloto, obedecendo ao seu instincto de salvador e desembaraçando-se da pedra mal atada, não tivesse mergulhado duas vezes e trazido para terra o seu mortal inimigo.

Este, que estava quasi desmaiado, comprehendeu quando voltou a si, que o cão que elle tinha querido afogar, lhe salvára a vida.

Teve vergonha de seu acto miseravel; e desde esse dia, violentou-se a si mesmo e combateu as suas más inclinações.

O exemplo do cão corrigiu o homem.

O rico e o pobre

Índice de conteúdo

Martinho era um rapazito, que ganhava a sua vida a fazer recados; um dia, voltando d'uma aldeia muito distante da sua, achou-se cansado e deitou-se de baixo d'uma arvore, á porta d'uma estalagem, junto da estrada. Estava comendo um bocado de pão que tinha trazido para jantar, quando chegou uma bella carroagem em que vinha um fidalguinho, com o seu preceptor. O estalajadeiro correu immediatamente e perguntou aos viajantes se queriam apear-se, mas responderam-lhe que não tinham tempo, e pediram-lhe que lhes trouxesse um frango assado e uma garrafa de vinho.

Martinho estava pasmado a olhar para elles; olhou depois para a sua codea de pão, para a sua velha jaqueta, para o seu chapeo todo roto, e suspirando exclamou baixinho: Oh! se eu fosse aquelle menino tão rico, em vez do desgraçado Martinho! que fortuna se elle estivesse aqui, e eu dentro d'aquella carruagem!» O preceptor ouviu casualmente o que dizia Martinho e repetiu-o ao seu alumno, que, lançando a cabeça fóra da carruagem, chamou Martinho com a mão.

--Ficarias muito contente, não é verdade, meu rapaz, podendo trocar a minha sorte pela tua?»--Peço que me desculpe senhor, replicou Martinho córando, o que eu disse não foi por mal.»--Não estou zangado contigo, replicou o fidalguinho, pelo contrario, desejo fazer a troca.»

--Oh! está a divertir-se comigo! tornou Martinho, ninguem quereria estar no meu lugar, quanto mais um bello e rico menino como o senhor. Ando muitas leguas por dia, como pão secco e batatas, emquanto que o senhor anda n'uma carruagem, póde comer frangos e beber vinho.»--Pois bem,

volveu o fidalguinho, se me queres dar tudo aquillo que tens e que eu não tenho, dou-te em troca de boa vontade tudo o que possuo.» Martinho ficou com os olhos espantados, sem saber o que havia de dizer; mas o preceptor continuou: «Acceitas a troca?»--Ora essa! exclamou Martinho, ainda m'o pergunta! Oh! como toda a gente d'aldeia vae ficar assombrada de me ver entrar n'esta bella carruagem!» E Martinho desatou a rir com a idéa da entrada triumphante na sua aldeia.

O fidalguinho chamou os criados, que abriram a portinhola e o ajudaram a descer. Mas qual foi a surpresa de Martinho, vendo que elle tinha uma perna de pau e que a outra era tão fraca, que se via obrigado a andar em duas muletas: depois, olhando para elle de mais perto, Martinho observou que era muito pallido e que tinha cara de doente.

Sorriu para o rapazito com ar benevolo, e disse-lhe:--Então sempre desejas trocar? Querias porventura, se podesses, deixar as tuas pernas valentes e as tuas faces córadas, pelo prazer de ter uma carruagem e andar bem vestido?»--Oh! não, por coisa nenhuma! replicou Martinho.--«Eu, disse o fidalguinho, de boa vontade seria pobre, se tivesse saude. Mas, como Deus quiz que fosse aleijado e doente, soffro os meus males com paciencia e faço por ser alegre, dando graças a Deus pelos bens que me concedeu na sua infinita misericordia.

«Faze o mesmo, meu amiguinho, e lembra-te que, se és pobre e comes mal, tens força e saude, coisas que valem mais que uma carroagem, e que não podem comprar-se com dinheiro.

Como um camponez aprendeu o Padre Nosso

[Índice de conteúdo](#)

Tinha o coração duro, e não dava esmolas. Foi-se confessar uma vez, e o confessor deu-lhe por penitencia resar sete vezes o Padre Nosso.

«Não o sei, e nunca o pude aprender, respondeu o aldeão.»

«Pois n'esse caso, tornou o confessor, imponho-te por penitencia dar a credito um alqueire de trigo a todas as pessoas que t'o forem pedir da minha parte.»

No dia seguinte de manhã apresentou-se o primeiro pobre.

«Como te chamas? perguntou-lhe o camponez.

«Padre--Nosso--Que--Estaes--No--Ceo, respondeu o pobre.»

«E o teu appellido?»

«Seja--Santificado--O--Vosso--Nome.»

E o pobre foi-se embora com o seu alqueire de trigo.

Ao outro dia chega segundo pobre.

«Como te chamas?

«Venha--A--Nós--O--Vosso--Reino.»

«E o teu appellido?»

«Seja--Feita--A--Vossa--Vontade.»

E partiu com o seu alqueire de trigo.

Veu terceiro pobre.

«Como te chamas?»

«Assim--Na--Terra--Como--No--Ceo.»

«E o teu appellido?»

«Dae-nos--Hoje--O--Pão--Nosso--De--Cada--Dia.»

E levou o seu alqueire.

Vieram ainda dois pobres successivamente, e passou-se tudo da mesma forma até chegar ao _Amen_.

Pouco tempo depois o confessor encontrou o aldeão.

«Então já sabes o Padre Nosso?»

«Não, sr. cura, sei só os nomes e appellidos dos pobres a quem emprestei o meu trigo.»

«Quaes são? tornou o padre.»

E o aldeão enumerou-lh'os a seguir, e pela ordem porque cada um se tinha apresentado.

«Já vês, disse o confessor, que não era muito difficil aprender o Padre Nosso, porque já o sabes perfeitamente.»

O talisman

Índice de conteúdo

Dois habitantes da mesma cidade exerciam n'ella a mesma industria, mas com resultados bem diversos; um enriquecia-se e o outro arruinava-se, o que não era de espantar, porque o primeiro zelava os seus negocios com uma actividade infatigavel, emquanto que o segundo, entregue inteiramente aos seus prazeres, encarregava os estranhos da direcção da sua casa.

«Explica-me, disse um dia este ultimo ao seu collega, qual é a razão porque a sorte nos trata de um modo tão differente? Vendemos as mesmas mercadorias, a minha loja está tão bem situada como a tua, e apezar d'isso, emquanto tu ganhas, eu não faço senão perder. E não é porque eu seja estroina; não bebo, nem jogo. Já tenho pensado algumas vezes se não terás tu por acaso algum precioso talisman.»

«Effectivamente, respondeu o outro, herdei de meu pae um talisman de uma virtude incomparavel. Trago-o ao pescoço, e ando assim com elle todo o dia por toda a casa, do celleiro para a adega, e da adega para o celleiro. E o caso é que tudo me corre perfeitamente.»

«Olé meu querido collega, empresta-me pelo amor de Deus essa reliquia preciosa de que tanto necessito; pódes ter a certeza de que t'a restituo.»

«Pois vem buscal-a ámanhã de manhã.»

Quando ao outro dia foi procurar o seu generoso concorrente, apresentou-lhe este uma avellã, através da qual tinha tido passado um fio de seda.